

Instituto de Ciências da Educação – Universidade Federal do Pará
Revista Ver a Educação, Belém, n. 1, ano 2026

**Percurso sociopoético rumo ao Bem Viver: contribuições da
sociopoética para a pluralidade epistêmica**

**Sociopoetic pathway toward Good Living: contributions of sociopoetics
to epistemic plurality**

**Recorrido sociopoético hacia el Buen Vivir: contribuciones de la
sociopoética a la pluralidad epistémica**

Marcela Reinhardt de Souza¹

Marcelo Silveira²

Priscila Maria Ferreira Guarate³

Resumo

Este ensaio orienta-se para as contribuições da sociopoética na construção de saberes, buscando: a) explorar as possibilidades de uma pluralidade epistêmica na produção do conhecimento; e b) refletir sobre as potencialidades da sociopoética na criação de contextos que favoreçam essa pluralidade. Em seu desenvolvimento, foi realizado um levantamento bibliográfico voltado à constituição de uma base teórica que permitisse compreender as relações entre pluralidade epistêmica e produção de conhecimento, bem como os métodos e fundamentos da pesquisa sociopoética. O corpus da pesquisa foi composto pelos documentos recuperados no levantamento bibliográfico e pelas experiências vivenciadas em uma pesquisa sociopoética. O levantamento evidenciou uma convergência na crítica à colonialidade e na busca por epistemologias ético-políticas e socialmente engajadas. Esta produção colaborativa expressa, na prática, as possibilidades de uma epistemologia plural e viva que integra múltiplos olhares e contextos em uma pesquisa compartilhada, comprometida com o bem viver e com a valorização da diversidade de saberes.

Palavras-chave: sociopoética; pluralidade epistêmica; produção de conhecimento.

¹ Doutoranda no Programa de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. Bibliotecária na Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis-Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4870-5563>. E-mail: marcelareinhardt@yahoo.com.br.

² Doutorando no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Florianópolis-Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0009-0008-3712-6340>. E-mail: marcelo.silveira@icmbio.gov.br.

³ Doutoranda no Programa de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0009-0000-1016-3338>. E-mail: priscilaguarate@gmail.com.

Alguns indícios

Este ensaio nasce a partir das vivências e construções elaboradas no âmbito do curso *Viver, conviver e gerar vida em plenitude: pesquisa sociopoética*, oferecido de forma interdepartamental pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no segundo semestre de 2025. A temática central desse curso permeia a elaboração de estratégias para viver em plenitude através de processos que promovam compreensão e enfrentamento aos desafios da decolonialidade e não colonialidade. Essas estratégias são fomentadas por meio de conhecimentos e práticas interculturais, incluindo as diferentes formas de ser e viver dos povos tradicionais e ancestrais.

Na vivência do curso, chamou nossa atenção como a noção e incorporação da interculturalidade como estratégia para uma vida em plenitude precisa perpassar disrupções sobre o que se considera conhecimento e os processos do conhecer que o tornam legitimamente válidos, constituindo uma voz que clama por uma pluralidade do conhecer e do saber.

Nossas diferentes origens, caminhadas e propósitos essenciais nos uniram nesta construção que emerge tanto de um lugar de interesses comuns como de interesses singulares que constituem a diversidade do texto e suas fundamentações, caracterizando a reflexão e escrita coletiva uma aventura propriamente interdisciplinar. Nossa diversidade é constituída, dentre outros fatores, pelos nossos campos e interesses de conhecimento. Marcela Reinhardt de Souza é mulher, branca, bibliotecária, e pesquisa sobre diversidade, equidade, inclusão e acessibilidade (DEIA) na comunicação científica. Marcelo Silveira é homem, branco, pesquisa abordagens interventivas em conflitos nos locais de trabalho desde o paradigma da complexidade e humanização destes espaços sociais orientadas à construção de paz. Priscila Maria Ferreira Guarate é mulher, branca, atua no campo disciplinar da Ciência da Informação (CI), pesquisando sobre a informação governamental em saúde para populações indígenas.

Ao participar e vivenciar as experiências de interculturalidade proporcionadas no curso, compartilhamos uma reflexão acerca da validação do conhecimento: o conhecimento que recebe maior validação no senso comum da sociedade contemporânea é aquele vinculado a um conjunto rigoroso de métodos científicos, por vezes positivistas mesmo nas ciências sociais e humanas. Esta reflexão foi estimulada por uma percepção de que, embora existam múltiplos conhecimentos, alguns não serão legitimados por se basearem em processos que não se aderem, e às vezes até subvertem os princípios normativos da ciência. E aqui ressaltamos que essa *ciência* se trata de um conceito colonial, da ciência legítima com seus rigores metodológicos que não se curva para outros olhares e entendimentos do objeto analisado.

É nesse contexto de apagamento que inserimos a contribuição de Maria Sueny Barbosa Soares, Mariana Thamires Martins e Marivalde Moacir Francelin (2013), para quem os saberes locais,

provenientes de experiências coletivas, são ocultados nas periferias do saber e do conhecimento pela perspectiva dominante, que impõe o que é válido como científico. Isso nos levou a questionar sobre a diversidade de formas do conhecer e saber em busca de uma vida em plenitude, assim como evidenciar os aprendizados que as vivências interculturais do curso nos trazem nesse sentido e que, de certa forma, estão representados na Figura 1.

Figura 1- Cartaz elaborado pelo grupo intitulado Lagartonomiau durante o curso



Fonte: Pessoas autoras, 2025.

Defesas em torno de múltiplas formas de conhecer e saber aparecem no âmbito da filosofia da ciência denunciando os limites que o conhecimento em bases cartesianas se autoimpõe e tenta impor a outras formas de saber, o que pode encontrar sua transgressão desde a noção de uma *epistemologia anárquica* (Feyerabend, 1977), que também podemos entender como uma pluralidade epistemológica.

Essa transgressão se mostra um desafio sobretudo para o desenvolvimento deste ensaio. Escrito entre três pessoas, sem divisões pré-estabelecidas do que cada um escreveria, o texto em si é

um exercício de pluralismo. Equilibramo-nos na corda bamba entre as convenções de um artigo científico e um processo de escrita orgânico e livre, que espelhasse as nossas ideias.

Partindo de algumas raízes, buscamos a noção de epistemologia em seu sentido amplo. Hilton Japiassu (1986) apresenta a epistemologia como estudo metódico e reflexivo de como o saber (posto no singular pelo autor) se organiza, se forma, se desenvolve, funciona e gera produtos intelectuais, podendo se apresentar em diferentes tipologias a depender de sua escala de particularidade (campo do saber) ou especificidade (uma disciplina em especial).

Mas vamos além ao entrar no entendimento do que se trata epistemologia ao considerar que, de acordo com Carlos Antonio Fragoso Guimarães (2020), uma epistemologia dotada de sentido real se dá quando “questiona a razão de ser dos saberes e permite a conscientização da realidade” (p. 259) estando associada à busca por transformar tal realidade. Neste autor, encontramos os *saberes* no plural. Mas então, o que entendemos por pluralidade epistemológica?

Para responder, trazemos para a conversa o filósofo e cientista político Carlos Nelson Coutinho, que em artigo de 1991, alertou que pluralidade epistemológica não é um sinônimo de ecletismo. Pelo contrário, o autor a defende como abertura, como respeito ao diferente, às posições alheias às nossas, que mostram nossos erros e limites, que trazem sugestões e amadurecimento, não somente para o pensamento individual, mas também para a ciência, para a prática científica coletiva.

Falar em um pluralismo epistemológico é então permitir que as diversas formas de conhecer e saber encontrem coerência e sejam consideradas e internalizadas na busca do *bem viver*, a qual, assumimos como posição e que entendemos dever ser a busca maior da própria ciência. Aí temos algo fundamental, uma vez que *bem viver* se diferencia de *bem-estar*. Nas palavras de Reinaldo Matias Fleuri (2023), enquanto este último é uma “concepção liberal, moderna e colonial...que valoriza o sujeito humano como indivíduo, pressupondo que a pessoa pode pensar autonomamente e existir isoladamente” (p. 22) levando à desconexão dos seres, o *bem viver* é sustentado por princípios de relacionalidade, complementaridade, integralidade e reciprocidade. Tais princípios estão na base de sustentação dos processos vitais, sendo, portanto, referencial indispensável para uma ciência que se posicione biofilamente.

Dentro disso, não cabe a linha divisória, mencionada por Soares, Martins e Francelin (2013), que hierarquiza o conhecimento, que separa o que é considerado *válido* do que é tido como *marginal*, ignorando a possibilidade de diálogo e abertura que buscamos. As autoras destacam a necessidade emergente de novos saberes e alternativas lógicas e epistemológicas que nascem também nas fronteiras e fora dos núcleos.

Essa divisão foi fortalecida pelo lema e a ilusão da objetividade pura como via própria da ciência adotada pelo racionalismo mecanicista. E nós acreditamos que isso participa daquilo que Japiassu (1986) caracterizou como “um hiato crescente entre o conhecimento objetivo (científico) e

toda espécie de sentimentos ou de teoria de valores” (p. 64), que por ignorar os valores se torna incapaz de conhecê-los. Mas como este autor destaca, mesmo que a ética, a estética e a imaginação criadora não se façam presentes na racionalidade científica moderna, a objetividade do conhecimento científico tem sua origem fundada em uma ética, “da felicidade individual e do máximo conforto” (Japiassu, 1986, p. 64).

E por isso, a provocação de Paul Feyerabend (1977) faz sentido. Ele diz que mesmo na ciência, a razão não deve ser a única a existir, que é preciso o caos, a paixão e coisas que se opõem à razão, que não há regras fixas e válidas em todas as circunstâncias. Em tal contexto, o dito anarquismo se torna plural ao se libertar da razão como o novo deus de um dogma, agora não mais religioso, mas científico, abrindo espaço para as outras vias de acesso ao mundo e de construção de sentidos.

Voltando aos temas de interesse dos autores deste ensaio, percebemos como as provocações e reflexões acima suscitadas interagem com as descobertas das nossas pesquisas. No que concerne ao trabalho e a ciência dos conflitos, este ganha características importantes ao se assumir uma ciência de caráter normativo, orientada a propósitos e valores. Tendo-se a não-violência como valor central, a transformação de conflitos é defendida como um dos pilares de uma cultura de construção de paz (Galtung, 1996). A pluralidade epistemológica se configura na medida em que a paz é também reconhecida em sua pluralidade de significados que dependem daqueles que a vivenciam e buscam, cuja via de acesso se funda não só na razão, mas nas múltiplas camadas e dimensões humanas, ou seja, é transracional (Dietrich, 2019; Silveira *et al.*, 2024).

A partir dessa visão, pautada na necessidade de mudanças estruturais na ciência, que este ensaio se alinha à pesquisa de uma das autoras no contexto da comunicação científica, com foco em periódicos. As perspectivas que visam a pluralidade epistemológica são fundamentais quando tratamos de DEIA. Políticas editoriais que estimulam a abertura para saberes diversos podem provocar mudanças no sistema editorial, ainda pautado por uma visão única de ciência (majoritariamente do Norte Global, branca e masculina), a qual desconsidera a interculturalidade e desvaloriza saberes locais e conhecimentos periféricos. E assim, uma frase ouvida em uma das visitas de campo do curso ecoaram nesta autora: “pensem e reflitam ‘o que eu vou escrever? como que eu vou escrever?’. Não escrevam qualquer coisa” (Shirlen Vidal de Oliveira, 29/08/2025, Diário de Campo). E é em busca de não escrever qualquer coisa que desenvolvemos essa escrita.

Buscando aproximações da pluralidade epistêmica com a pesquisa voltada para o tema da informação em saúde para a população indígena, a outra autora reflete que a pluralidade atravessa toda a pesquisa. Ao constatar que existe um problema que assola os povos indígenas, como a iniquidade em saúde e a vulnerabilidade social, esta autora teceu relações entre a informação e as questões que assolam essa população, refletindo que o acesso à informação, principalmente aquela

relacionada a cidadania e a qualidade de vida das pessoas pode ser uma ferramenta para solucionar esses problemas. Se tratando de um estudo que volta os olhares para os povos indígenas, múltiplos povos de diversas etnias e falando mais de 274 idiomas, com variadas culturas e crenças, além de ricos saberes que por muitas vezes dispensam a intromissão da *ciência*, entende-se que é necessário, para uma verdadeira compreensão sobre essas pessoas, sair do alto da torre de marfim que são as propensões acadêmicas, submersas em certezas construídas por um conhecimento científico que olha para essas pessoas não como pessoas, mas como objetos de pesquisa. A pluralidade epistêmica nesse caminho se alinha com o reconhecimento de que essas pessoas são dotadas de conhecimentos e saberes tão importantes quanto aqueles oferecidos como uma solução para seus problemas, principalmente quando essas soluções não levam em conta seus contextos e conhecimentos.

O percurso pedagógico e metodológico do curso se construiu em torno da pesquisa e experiência sociopoética. Um método de pesquisa sistematizado por Jacques Gauthier, apresentado em mais detalhes na seção a seguir, o qual forneceu a estrutura e processo investigativo na temática deste ensaio.

Sendo assim, nos orientamos pelo questionamento sobre as contribuições da sociopoética na construção de saberes, buscando: a) explorar as possibilidades de uma pluralidade epistêmica na produção de conhecimento; e b) refletir sobre as contribuições da sociopoética na geração de contextos de pluralidade epistêmica.

Trilhas metodológicas

Para guiar nossos caminhos durante o desenvolvimento deste ensaio, realizamos um levantamento bibliográfico, voltado à construção de uma base teórica para explorar as possibilidades de uma pluralidade epistêmica na produção de conhecimento. Também utilizamos os métodos da pesquisa sociopoética para compor o corpus da pesquisa, a partir das experiências vivenciadas durante a disciplina, buscando contemplar o objetivo b) desta pesquisa, refletir sobre as contribuições da sociopoética na geração de contextos de pluralidade epistêmica.

Neste contexto, nosso caminho se dividiu em duas trilhas: a primeira voltada a um levantamento bibliográfico na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), para encontrar estudos que abordam a pluralidade epistêmica e a produção de conhecimento. Essa etapa, não propõe uma busca exaustiva por estudos dessa temática, mas sim um breve contexto dos limites e possibilidades da pluralidade epistêmica associada à produção do conhecimento. Neste sentido, a escolha da base justifica-se considerando que a disciplina voltada ao estudo da produção de conhecimento é abordada com maior densidade na área da Ciência da Informação.

Utilizamos como estratégia de busca na base, a combinação de palavras-chave “produção de conhecimento” AND “epistemologia” e “pluralidade epistêmica” AND “conhecimento”. A busca, realizada em novembro de 2025, recuperou cinco artigos para a primeira combinação e dois artigos para a segunda. Após a leitura dos resumos, utilizamos como critério de seleção e análise os artigos que trabalham em seu escopo a pluralidade epistêmica ou a produção de conhecimentos para além do conhecimento científico. Os resultados dessa primeira etapa estão na próxima seção deste trabalho.

Na segunda trilha, chegamos na sociopoética, nascida do cruzamento entre a pedagogia do oprimido, a análise institucional, a escuta mitopoética e a educação simbólica (Gauthier, 1999). Enquanto método capaz de internalizar os valores interculturais, as pluralidades epistemológicas do saber e a diversidade das formas de ser, ela representa um campo de construção do conhecimento fecundo para tornar possível emergir a sabedoria do grupo. Neste método, o coletivo não é visto como um *objeto* a ser estudado e sim como um fenômeno emergente gerador de conhecimento, um sujeito da pesquisa.

Cinco características centrais do método evidenciam seu potencial nos sentidos mencionados, ao que Jacques Gauthier (2024) denominou de as cinco estrelas da sociopoética:

1. A pesquisa é realizada por um grupo-pesquisador. Aqueles que em uma pesquisa convencional seriam os integrantes de um *grupo pesquisado*, tornam-se protagonistas da pesquisa. Esse processo de autoria em co-pesquisa (daí co-pesquisadores) tem um facilitador, catalisador ou animador, o qual tem entre suas atribuições ser guardião do tempo e agente de cuidado para a expressão efetiva e equilibrada de todos os pesquisadores, favorecendo a construção compartilhada do conhecimento.
2. Não existem *verdades teóricas* oriundas de qualquer fonte, especialmente a acadêmica. Os diferentes saberes, falas e intuições precisam ser acessados pela capacidade de *escuta sensível*, dentro da qual o papel do facilitador não é dizer, mas sim interagir pelo questionamento para o melhor entendimento do que o outro quer dizer, a partir de sua *diferença e autonomia*. A ação do facilitador envolve também processos de análise e de reintegração dos dados gerados, buscando as oposições e composições existentes entre conhecimento oriundos dos pesquisadores e abrindo-os à contra-análise ou contra-estudo destes.
3. A sociopoética busca acessar as racionalidades em seu contexto ao mobilizar as diferentes *faculdades do conhecer do corpo*, envolvendo as formas de pensar que se estabelecem pelos afetos, imagens, símbolos, sensações e intuições, oriundas das diferentes ancestralidades, classes e espiritualidades.

4. A potência coletiva e individual é favorecida pela utilização da arte como meio de expressão, como possibilidade de acessar conhecimentos inconscientes e pré-conscientes, abrindo espaços para as múltiplas formas de inspiração e criatividade.
5. A comunidade que constitui o grupo-pesquisador é a dona da pesquisa, definindo suas aplicações e possíveis restrições de divulgação.

Gauthier (2024) entende a sociopoética enquanto abordagem contracolonial, situando-a para além do decolonial, ao indicar que mais do que permitir o cruzamento de olhares, do olhar de dentro (a partir de quem realiza a pesquisa) com o olhar de fora (de quem é pesquisado) típico de uma abordagem decolonial, ela envolve uma *imersão total*, uma verdadeira geração de conhecimento a partir da visão do colonizado. Deste modo, a abordagem da sociopoética nessa pesquisa visa trazer as reflexões amadurecidas pelo grupo para as contribuições da sociopoética para a pluralidade epistêmica voltada à produção de conhecimento.

Fios do diálogo: possibilidades da pluralidade epistêmica no contexto da produção de conhecimento

Antes de iniciar esse diálogo, é preciso pontuar o que se entende por conhecimento, conceito que norteará as reflexões dessa sessão. Yves-François Le Coadic (1996) diz que o conhecimento é um resultado do ato de conhecer, quando o ser humano se apropria de uma informação, formando uma ideia, como uma forma de decodificar e compreender o mundo. O autor também faz uma diferenciação daquilo que ele vai chamar de conhecimento comum, a simples identificação, e o conhecimento científico, originado da compreensão exata e complexa dos objetos.

Nesse sentido, “o saber designa um conjunto articulado e organizado de conhecimentos a partir do qual uma ciência – um sistema de relações formais e experimentais – poderá originar-se” (Le Coadic, 1996, p. 5). Esse conceito traça uma divisão entre os tipos de conhecimentos, pautando-se principalmente pela forma de sistematização desse conhecimento, o que vai refletir também em suas formas de produção e consequentemente em sua validação, legitimação, enquanto conhecimento.

Essas definições servem para ancorar e situar o campo disciplinar da Ciência da Informação como uma área que se dedica a estudar a informação e consequentemente a produção e organização do conhecimento, o que impulsionou a escolha da base de dados para o levantamento bibliográfico e como um campo do qual as duas autoras deste estudo possuem familiaridade e experiência.

A pesquisa bibliográfica realizada na BRAPCI recuperou quatro documentos que estabelecem relações entre a produção de conhecimento e a pluralidade epistêmica (Quadro 1).

Quadro 1 – Artigos recuperados na pesquisa bibliográfica

Título	Autorias	Ano
Imagens de exclusão de negros/as em produção de conhecimento nas universidades públicas	Jobson Francisco da Silva Júnior; Ronhely Pereira Severo; Mirian de Albuquerque Aquino	2013
A ciência da informação entre os feitiços dos centros de ciência e os antídotos dos “laboratórios da vida”	Bianca Rihan Pinheiro Amorim; Gustavo Silva Saldanha	2016
Pensamento decolonial: fundamento ético-epistemológico para a luta antirracista na construção de um sistema-mundo biófilo	Valdemar de Assis Lima	2022
Desclassificação e resistência: superando hierarquias na organização do conhecimento	Luís Fernando Vanin; André Luiz Avelino da Silva; Rodrigo de Sales	2025

Fonte: Dados da pesquisa

No artigo intitulado *A ciência da informação entre os feitiços dos centros de ciência e os antídotos dos “laboratórios da vida”*, Amorim e Saldanha (2016) propõem uma reflexão crítica acerca dos fundamentos epistemológicos da CI. Os autores partem do pressuposto que este campo, com predominância em concepções positivistas, tecnicistas e ahistóricas, têm limitado a compreensão do campo em relação ao seu objeto de estudo, a informação. A partir de uma perspectiva dialética, Amorim e Saldanha defendem a necessidade de uma reaproximação do campo com as ciências humanas, principalmente considerando que a CI é permeada e influenciada pelas práticas sociais e históricas de relação de poder, ideologias e disputas simbólicas.

Trazendo uma retrospectiva histórica do surgimento do campo científico, marcado pelo contexto pós-Segunda Guerra Mundial e pela valorização da tecnologia e da racionalidade científica, os autores argumentam que essa origem contribuiu para consolidar uma imagem de neutralidade e objetividade, ocultando as contradições sociais e políticas que permeiam a produção e a circulação da informação. Em contraposição a esse paradigma, Amorim e Saldanha propõem uma epistemologia histórica, inspirada em Wilhelm Dilthey, na qual a informação é compreendida como fenômeno humano e cultural, vinculado às *vivências* e à historicidade dos sujeitos.

Em concordância com Amorim e Saldanha (2016), os autores do artigo *Desclassificação e resistência: superando hierarquias na organização do conhecimento*, Vanin, Silva e Sales (2025), situam o debate central do estudo no contexto das críticas pós-coloniais e decoloniais à Ciência da Informação, destacando que as estruturas epistemológicas da área ainda refletem uma hegemonia eurocêntrica herdada do Norte Global. Inspirados em pensadores como Capurro, Duque-Cardona e Sales, o artigo propõe que a disciplina de Organização do Conhecimento deve ser repensada a partir de epistemologias do Sul global, valorizando saberes locais, plurais e historicamente marginalizados.

Nesse sentido, a desclassificação é apresentada como um movimento de resistência epistêmica, capaz de deslocar a lógica essencialista e universalizante que domina os sistemas de classificação e indexação ao substituir categorias patologizantes, coloniais ou assistencialistas por sistemas de autodescrição e coautoria, nos quais as próprias comunidades definem seus termos, categorias e modos de visibilidade, promovendo justiça epistêmica.

Investigando as imagens de exclusão de negros(as) na produção de conhecimento das universidades públicas brasileiras, com foco na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Silva Junior, Severo e Aquino (2013) analisaram comunicações apresentadas nos Encontros de Iniciação Científica (ENIC) entre os anos de 1998 e 2008, buscando identificar como a temática étnico-racial aparece – ou é silenciada – nos anais científicos da instituição. Baseando-se na epistemologia dos Estudos Culturais e na abordagem qualitativa interpretativista, utilizam a Análise do Discurso como método de investigação para compreender como a ciência reflete e reproduz construções ideológicas, partindo da concepção de que a ciência é uma prática social e cultural, e que a produção de conhecimento está atravessada por relações de poder, memória e identidade. Os resultados deste estudo evidenciam a predominância do discurso eurocêntrico, em consonância com os demais estudos apresentados, e invisibilidade e sub-representação da população negra nos trabalhos acadêmicos da UFPB, além de escassez de produções que abordam a contribuição afrodescendente na formação cultural e científica do país, o que os autores afirmam ser o reflexo de práticas discriminatórias e racistas institucionalizadas, que sustentam a imagem de exclusão dos negros como sujeitos da ciência. O artigo conclui que a Ciência da Informação, assim como outras áreas, tem papel fundamental na visibilização e disseminação de saberes étnico-raciais, contribuindo para uma produção de conhecimento mais plural, justa e socialmente comprometida.

Lima (2022) traz reflexões semelhantes ao propor uma reflexão teórico-política sobre o pensamento decolonial como base ético-epistemológica da luta antirracista e da construção de um *sistema-mundo biófilo*, isto é, um modelo de civilização orientado pela valorização da vida, da diversidade e da justiça social. O autor argumenta que as epistemologias decoloniais surgem como uma forma de resistência à colonialidade do poder, do saber e do ser, denunciando as heranças do colonialismo moderno-capitalista que sustentam o racismo estrutural e a exclusão epistêmica de grupos subalternizados. Inspirado em pensadores como Aníbal Quijano, Walter D. Mignolo, Catherine Walsh e Boaventura de Sousa Santos, Lima defende que o pensamento decolonial constitui uma forma de *sentipensar* – um exercício simultâneo de razão e emoção – comprometido com a libertação das subjetividades oprimidas e com a criação de novos modos de existir e conhecer, especialmente a partir das experiências de povos negros, indígenas e periféricos. Lima (2022) sugere a decolonialidade como uma proposta de reconstrução civilizatória, voltada à criação de *tecnologias biófilas* que afirmam o direito à memória, à diferença e à vida plena.

Os estudos aqui apresentados reforçam a concepção de pluralidade epistêmica. Eles evidenciam a necessidade de repensar e reposicionar outros saberes e perspectivas para combater a invisibilidade e deslegitimação dos conhecimentos *a parte* do conhecimento científico colonial e eurocentrado. Todos os autores compartilham da crítica à colonialidade na produção e organização do conhecimento, em especial no campo da Ciência da Informação, e a busca por epistemologias ético-políticas e socialmente engajadas. Por fim, os estudos reivindicam um reposicionamento do sujeito e da informação – não mais vistos como neutros, mas como construções sociais, históricas e políticas.

Retomando as nossas reflexões, é possível compreender que existem possibilidades para romper as estruturas hegemônicas que perpetuam as relações de poder e colonialidade do conhecimento. Ao dar espaço para outros saberes e conhecimentos, não como um lugar de conhecimento subalterno ou inferior, em uma posição onde um conhecimento deve se sobressair ao outro, mas em um lugar de confluência, onde todos os conhecimentos desaguam em um mar de saberes, onde toda a humanidade pode partilhar, construindo um bem viver.

Diante das denúncias que estes estudos nos apresentam em relação ao que poderíamos chamar de monoculturas epistemológicas da produção hegemônica do conhecimento, entendemos oportuno pensar alternativas enraizadas em práticas outras de produção do conhecimento, o que fazemos na seção a seguir refletindo sobre nossa vivência sociopoética.

A semente da sociopoética: reflexões e vivências na disciplina *Viver, conviver e gerar vida em plenitude*

Um ponto de partida fundamental ao se pensar nas diversidades do conhecer e do saber é posicionar o propósito do processo do conhecer. Os caminhos percorridos pela ciência, ao longo do tempo, fizeram com que, muitas vezes, tal propósito fosse colocado em segundo plano, levando ao ponto de o conhecimento ser entendido como privilégio daqueles que habitam a torre de marfim da academia.

Neste aspecto, é importante fazer um resgate valorativo da ciência a qual precisa ser orientada à felicidade e a diminuição do sofrimento humano. Certamente outros sentidos são possíveis, mas não alcançam a pluralidade destes valores, se encerrando, geralmente, em questões individualistas como satisfação pessoal, status e poder.

As experiências vividas de produção coletiva de conhecimento durante o curso evidenciaram alguns elementos do processo investigativo sociopoético que consideramos geradores de potência e

riqueza no sentido de pluralidade epistêmica: *a dialogicidade, a diversidade de linguagens de expressão, não exclusividade da razão como forma de conceber o saber (estética do conhecer), a potencialização da escuta e a geração de contextos de aprendizagem para construção intercultural.*

Em relação à *dialogicidade*, as interações ocorridas no processo de ensino-aprendizagem se caracterizaram por ações mutuamente ativas de expressão (dentre elas a fala) e escuta, favorecendo a construção crítica de conhecimento como jornada de conscientização pautada no respeito e integração das diferenças. Essa mutualidade concretiza o ensinar aprendendo e aprender ensinando, uma vez que nas palavras de Paulo Freire (1994) “não há ensinar sem aprender e os dois são momentos de um processo maior – o conhecimento” (p. 7) e situar o ensinar como parte do aprender se faz na medida em que pelo ensinar se sabe pelo *re-saber, re-conhecer* aquilo que já se sabia.

Assim como mencionado por um participante do curso, as diferenças de posições e opiniões foram vividas não somente em uma lógica dialética de que a síntese contenha partes da tese e da antítese, mas que o resultado seja algo novo, que emerge desse processo interativo, assim em suas palavras: “não necessariamente a gente tira uma síntese, conservando o que há de válido na afirmação e na negação, acho que o movimento que rolou aqui foi mais no sentido de os diferentes se encontraram e daí adveio alguma outra coisa, que não existia antes” (Rodrigo de Sales, 21/08/2025, Diário de Campo). Nesse sentido, o que vem a seguir é o devir, considerando que: “o devir não produz outra coisa senão ele próprio” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 18), não sendo imitação ou evolução de algo, assim como aquilo que é produzido em grupo a partir da convivência dos encontros.

Tal possibilidade de emergência de um devir foi favorecida pela forma e contexto em que o diálogo se construiu, em que possíveis *debates* de ideias deram lugar a busca de *co(i)nstruir* algo coletivamente. Na medida em que cada um se percebe contribuindo para ampliar a forma de ver do outro de forma verdadeira, essa relação generativa e regenerativa do conhecimento coletivo acontece. E assim, pautada na convivência coletiva, se dá a construção de saberes indo além da leitura de textos, incluindo experiências de vida e a própria experiência do momento vivido no grupo.

Essa *co(i)nstrução* foi facilitada pelo incentivo às pessoas participantes dos encontros para que exercitassem *diferentes linguagens de expressão*, como poesia, desenho, teatro, música e dança. Quando a escrita acadêmica é a única forma legítima de comunicar o conhecimento, outras formas de comunicação, transmissão e geração de conhecimento são marginalizadas. No primeiro encontro, fomos desafiados a expressar nossos propósitos individuais para os encontros, as pesquisas e a vida por meio de uma palavra, um desenho e um poema. A partir dessa produção inicial e individual, os processos tornaram-se coletivos, incluindo progressivamente mais participantes e desse exercício foram produzidas novas expressões, desenhos e poemas.

Segundo Paulo Freire (2018), uma das marcas da “educação dissertadora é a ‘sonoridade’ da palavra e não sua força transformadora” (p. 80). Assim, o contraponto com uma educação libertadora

precisa envolver a reflexão ativa e interativa dos conteúdos trabalhados promovendo conscientização e transformação dos participantes. Dentro disso, a multiplicidade de linguagens inserida na lógica do diálogo para uma educação libertadora da imersão sociopoética ofereceu contextos propícios à manifestação e elaboração de conteúdos que transformaram as pessoas, e não apenas foram depositados ou dissertados a elas.

Ao explorar uma dimensão viva das palavras e de seus significados pela leitura da linguagem estética expressada, utilizou-se da força transformativa da linguagem que está implícita organicamente no fazer artístico, assim como indica Augusto Boal (2004): “um conhecimento adquirido esteticamente é, em si mesmo, um começo da transformação” (p. 145).

Neste caminho investigativo percebemos que flexibilizar ou pluralizar os limites do processo de conhecimento por meio da arte apareceu de forma intuitiva em nosso próprio processo artístico quando da elaboração de um poema que produzimos fruto do encontro de nossos propósitos, com destaque ao seguinte trecho: “Romper as estruturas é transformar os limites em traços flexíveis. Transformar a si.” É assim que, no contexto gerado, a força da transformação individual e coletiva promovida pelo encontro intercultural foi potencializada ao se utilizar linguagens que comunicam saberes integrais acessados e vivenciados através das diversas dimensões do ser.

Essa *não exclusividade da razão como forma de conceber o saber* abre possibilidades para a legitimação da dimensão estética ou sensorial do conhecer, internalizando na prática epistêmica a noção de que “o conhecimento se efetua através dos sentidos e não somente através da razão” (Boal, 2004, p. 46). Segundo um dos participantes, que também foi facilitador da vivência sociopoética, o processo “forçou a ideia do *confeto*, que criar conhecimento passa pelo afeto, passa pela emoção, tudo muda” (Jacques Gauthier, 29/08/2025, Diário de Campo; grifo nosso). *Confeto* é um dos recursos produtivos da sociopoética de “uma mistura de conceito e afeto, conforme encontramos no pensamento cotidiano (as pesquisas avançadas em neurociências mostram que sempre o cérebro associa uma emoção a uma abstração)” (Gauthier *et al.*, 2021, p. 28).

Se por um lado o domínio exclusivo da razão busca a esterilização do saber por sua generalização e padronização, abrir-se para o domínio do sentir e do perceber contextualiza e localiza o saber. Na sociopoética, ao ligar autenticamente e de forma complexa percepções, afetos, intuições e conceitos – ao que se denomina *perceptos*, *confetos* e *intuicetos* –, busca-se romper os limites de “um/a pensador/a isolado/a” (Gauthier *et al.*, 2021, p. 133). Conforme apresentamos poeticamente, o que podemos considerar que se apresentou na forma de um *intuiceto*, “lado a lado no contexto há limites e possibilidades”. Os limites muitas vezes assumidos do produzir conhecimento pelo pensar individual encontra possibilidades de coletivização localizada por meio dos afetos e sensibilidades dos processos estéticos. Tais compreensões são bem sintetizadas por Gauthier *et al.* (2021) neste trecho:

Os saberes heterogêneos ativos nas pesquisas sociopoéticas desmistificam as fabricações acadêmicas, frequentemente fechadas no seu mundo cultural endógeno e apenas afirmando generalidades, abstrações pouco pertinentes para uma real mobilização popular. Não pensamos por ideias gerais, e, sim, por conceitos (confetos, intuicetos etc.) contextualizados na vida das comunidades e das instituições (p. 135).

Podemos assim entender que conhecer envolve a razão e além, as múltiplas camadas do ser. Isso nos aproxima do conceito de *transracionalidade* (Dietrich, 2019) que reconhece que nossa presença e atuação no mundo é resultado da interação e expressão de múltiplas camadas internas e externas à pessoa – camadas sexual-familiar, emocional-comunitária, mental-politória, espiritual-global.

Essas sucessivas camadas que demonstram como somos profundamente interligados e interdependentes pode ser vista na sociopoética ao buscar *implementar* ou *produzir igualdade* dentro do grupo-pesquisador mediante uma *transmutação espiritual* ao se buscar abrir mão de “certezas e convicções” em favor de acolhimento do “mistério, da fragilidade e humanidade das pessoas” (Gauthier *et al.*, 2021, p. 135). Esse processo é orientado não pela busca de consensos, mas pela convivência das diferenças, harmonia dinâmica das incompatibilidades, algo muito contrastante às tentativas homogeneizantes do conhecimento racional moderno hegemônico.

A epistemologia hegemônica, conforme nos alerta Ailton Krenak (2018), é capaz de aniquilar qualquer pensamento alternativo que possa colocar em questão a lógica colonial do capital. E quando nos propomos, a partir da sociopoética, a deixarmos emergir o devir e a romper as estruturas para transformar os limites em traços flexíveis – como em nosso poema inicial – buscamos encontrar outras epistemologias que nos auxiliarão na construção compartilhada de conhecimento. Em nossos encontros, fomos amparados pelas ideias de Reinaldo Matias Fleuri (2020) ao intentarmos “a escuta epistêmica das cosmovisões ancestrais não coloniais (que) favorece a interação dialógica com os povos originários, o que nos possibilita aprender com eles a ‘Bem Viver’” (p. 245). Mas não apenas aprender com eles e sim vivermos um processo mútuo, enquanto grupo-pesquisador, também para a troca, conforme exemplificado no relato abaixo de uma participante quilombola:

Vocês vieram na nossa casa, vocês vieram desarmados. Vocês não vieram para nos ofender nem para nos magoar. Vocês vieram para nos ouvir. A comunidade, ela baixou as armas porque ela não precisa se defender de vocês. Ela precisa ensinar e trocar com vocês. Hoje nós tivemos esse momento de acolhida, nós tivemos esse momento de troca de experiência. Assim como vocês aprenderam, eu aprendi também, minha mãe aprendeu também e todas as pessoas que estão aqui (Shirlen Vidal de Oliveira, 29/08/2025, Diário de Campo).

A *potencialização da escuta* é elemento essencial para desenvolver o interesse pelas diferentes formas de saber, a qual é favorecida em contextos de confiança e reciprocidade, independentemente

da existência de diferenças. Ficou nítido como a confiança é favorecida divertindo-se juntos dentro de momentos de interação não intelectual, a exemplo do que aconteceu nas atividades preparatórias da sociopoética – diversas vezes se utilizando de dinâmicas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal – que associaram o lúdico com a entrega genuína fomentando a geração de confiança e parceria. A reciprocidade acontecia cada vez mais na medida em que compartilhávamos nossos medos e fraquezas que nos ligavam aos temas trazidos. Em especial nos momentos em que mergulhamos nas culturas indígenas e quilombolas, vivenciamos a escuta como método para a decolonialidade capaz de acessar as inter-historicidades (Segato, 2012).

Esse adentrar no e ser adentrado pelo outro, proporcionado pela escuta, também favoreceu a compreensão não só intercultural, mas, entre áreas do conhecimento diferentes conforme palavras de um participante:

A gente vive em bolhas e acho que isso expandiu, sabe? Estourou um pouquinho nossas bolhas e a gente pode ver de outra forma, compartilhar conhecimento com pessoas de áreas muito distintas. Isso faz a gente crescer muito (Jane Lecardelli, 29/08/2025, Diário de Campo).

Ainda em relação a escuta, chama a atenção a centralidade desse elemento no processo quando uma participante diz que “minha proposta durante toda a disciplina era a escuta. Aprender a escutar, compartilhar, compreender o que o outro está falando sem interferências” (Luciana Nagel Simon Cogo, 29/08/2025, Diário de Campo).

Escutar, falar e aprender por meio da oralidade foram habilidades exercidas durante os encontros que nos fazem valorizar formas de se desenvolver ciência também. Na visita a Tekoa Pirá Rupa, pudemos ouvir e aprender com a seguinte fala que dispensa mais explicações:

A gente olha um pouquinho para a ciência do não indígena, que teve todo um processo né, de pessoas dedicadas, experimentos, de ter feito todo um processo no decorrer dos anos para que se chamasse de ciência, de pesquisa. Então, pesquisas que foram feitas e foram comprovadas, porque normalmente o pesquisador sempre tudo anota, né. Sempre anota lá todas as coisas que acontecem. Mas o povo Guarani a mesma coisa, a gente vive isso todo o momento, a gente não só... a gente não escreve, mas a gente vive. O povo Guarani pratica (Vilmone Samaniego, 29/08/2025, Diário de Campo).

Todos os afluentes anteriores que identificamos como formadores de configurações propícias ao reconhecimento de epistemologias plurais podemos considerar desaguar em um curso maior que é *a geração de contextos de aprendizagem para construção intercultural*. Entretanto, o contexto, assumido enquanto conjunto, não pode ser resumido a um elemento do próprio conjunto (Bateson, 2025), é algo emergente. Ao mesmo tempo, o contexto não só é uma resultante complexa de um padrão de

interações, mas também formador de padrões interativos. Essa consciência pode alterar de forma crucial o processo de produção do conhecimento que se destine a adotar a perspectiva de pluralidade do conhecer.

Gregory Bateson (2025) afirmou que contexto é “um termo coletivo para todas as ocorrências que dizem ao organismo em qual conjunto de alternativas ele deve fazer sua próxima escolha” (p. 298). Assim, estruturas-processos que estejam abertos às diversidades de possibilidades de viver e ver, de apreender, de significar, são fornecedoras de contextos mais plurais por ampliar as alternativas para a compreensão do mundo e dos fenômenos.

Ao mesmo tempo em que as oficinas sociopoéticas receberam múltiplas linguagens, culturas e saberes com os movimentos e estratégias planejadas, em dinâmica artística se buscou que cada grupo criasse “uma estratégia de articulação, integração, conexão entre os vários contextos, de tal forma que vai permitir a convivência harmoniosa e criativa entre todos os seres que representam nosso propósito” (Reinaldo Matias Fleuri, 22/08/2025, Diário de Campo) resultando em construção dialógica do significado conjunto de obras coletivas. A comunicação dessas produções resultou em formas teatrais representadas dramaturgicamente.

Percebe-se nessas formulações práticas como elas estiveram orientadas a gerar contextos de convivência dinâmica dos diferentes contextos individuais, permitindo ao mesmo tempo a manutenção da potência dos propósitos individuais, assim como a manifestação de significados coletivos desses encontros.

Um dos participantes, ao apresentar a simbolização de seu propósito individual, trouxe a palavra solidariedade. A resumiu como sendo a “disposição para abrir mão do poder, de dar o poder, conceder o poder, uma disposição de não ter para si, mas de compartilhar” (Andy Wear, 21/08/2025, Diário de Campo). Pensar epistemologias plurais certamente exige repensar a relação do conhecimento com o poder. Superar a concepção de que o conhecimento instrumentaliza um *poder sobre* internalizando a lógica de que o verdadeiro saber é um *poder com* parece ser o grande chamado por uma solidariedade e decolonialidade do saber.

Rastros e frutos

Este texto não iniciou quando nos sentamos para escrevê-lo, tampouco no primeiro encontro do curso. Ele representa os desafios e os prazeres da sociopoética que nos possibilitou o devir. Ele carrega consigo a história de cada autor, o protagonismo de cada participante dos encontros. As três primeiras palavras não apresentadas até então, mas que originaram este texto, são aquelas escolhidas por cada autor no primeiro encontro: *contexto*, *social* e *(re)descoberta*. É um misto dos poemas e dos

desenhos individuais. Trouxemos fontes acadêmicas e as fontes que vieram da nossa escuta sensível. Veio a racionalidade, mas também a criatividade, os afetos, as sensações e intuições exploradas nessa construção compartilhada.

Para além dos desafios vivenciados em fazer valer uma construção livre de amarras metodológicas, essa produção coletiva traz consigo uma realização das possibilidades de uma pluralidade epistemológica na prática: a partir das vivências e experiências do grupo foi possível agregar três olhares e contextos diversos para a construção de uma pesquisa coletiva, voltada ao bem viver.

Este texto também não termina nessa seção. Ele será lapidado, modificado, terá mais vozes partilhando da sua construção. Ele vem dos rastros que encontramos pelo caminho. Ele deixa frutos que podem servir de alimento, que podem apodrecer no chão, podem virar geleia, mas que com certeza estarão livres para se transformar. Que seja parte de uma vida em plenitude.

Referências

- AMORIM, A.R.P.; SALDANHA, G. A Ciência da Informação entre os feitiços dos centros de ciência e os antídotos dos “laboratórios da vida”. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 9, n. 2, p.1-18, 2018.
- BATESON, G. **Rumo a uma ecologia da mente**. São Paulo: Ubu Editora, 2025.
- BOAL, A. **El arco iris del deseo: del teatro experimental a la terapia**. Barcelona: Alba Editorial, 2004.
- COUTINHO, C.N. Pluralismo: dimensões teóricas e políticas. **Cadernos ABESS**, São Paulo, n. 4, p. 5-17, 1991.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DIETRICH, W. **Interpretações de paz na história e na cultura**. Florianópolis: Paz e Mente, 2019.
- FEYERABEND, P.K. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- FLEURI, R.M. Paulo Freire e as cosmovisões dos povos originários. **Educazione Aperta**, Bari, n. 7, p. 242-261, 2020.
- FLEURI, R.M. Educar para viver em plenitude. **Revista Afluente: Revista de Letras e Linguística**, Bacabal, v. 8, n. 22, p. 7-34, 2023.
- FREIRE, P. Ensinar, aprendendo. **O Comunitário**, Campinas, ano 6, n. 38, p. 6-9, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 65ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GALTUNG, J. **Peace by peaceful means: peace and conflict, development and civilization**. Oslo: International Peace Research Institute, 1996.

GAUTHIER, J. **Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação**. Rio de Janeiro: Editora Escola Anna Nery, 1999.

GAUTHIER, J. et al. **A borboleta cuidamor ambiental: uma pesquisa sociopoética nerética com medicinas indígenas e leitura de inspiração guarani dos dados de pesquisa**. Fortaleza: EdUECE, 2021.

GAUTHIER, J. **Sociopoética e contracolonialidade: relatos de pesquisas e diálogos teóricos com Ailton Krenak, Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) e alguns filósofos de tradição ocidental**. São Paulo: Editora Dialética, 2024.

GUIMARÃES, C.A.F. **Paulo Freire e Edgar Morin sobre saberes, paradigmas e educação: um diálogo epistemológico**. Curitiba: Appris, 2020.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

KRENAK, A. Ecologia política. **Ethnoscientia**, Altamira, v. 3, n. 2, p. 1-2, 2018.

LE COADIC, Y.-F. **A Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LIMA, V. de A. Pensamento decolonial: fundamento ético-epistemológico para a luta antirracista na construção de um sistema-mundo biófilo. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 11, n. 22, p. 64-78, 2022.

SEGATO, R.L. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **E-Cadernos CES**, Coimbra, n. 18, p. 106-131, 2012.

SILVA JÚNIOR, J.F. da S.; SEVERO, R.P.; AQUINO, M. de A. Imagens de exclusão de negros/as em produção de conhecimento nas universidades públicas. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 7, n. 3, p. 78-92, 2014.

SILVEIRA, M. *et al.* Peace and conflict studies as an academic field. **INTERthesis – Revista Internacional Interdisciplinar**, Florianópolis, v. 21, p. 1-21, 2024.

SOARES, M.S.B; MARTINS, M.T.; FRANCELIN, M.M. Pluralismo lógico e epistemografia interativa como ferramentas desclassificadoras do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 55-71, 2013.

VANIN, L.F.; SILVA, A.L.A. da; SALES, R. de. Desclassificação e resistência: superando hierarquias na organização do conhecimento. **ISKO Brasil**, Canela, n. 8, p. 1-8, 2025.

Abstract

This essay focuses on the contributions of sociopoetics to the construction of knowledge, seeking to: a) explore the possibilities of epistemic plurality in the production of knowledge; and b) reflect on the potential of sociopoetics to create contexts that foster this plurality. As part of this study, a literature review was conducted to establish a theoretical foundation for understanding the relationships

between epistemic plurality and knowledge production, as well as the methods and foundations of sociopoetic research. The research corpus consisted of documents identified in the literature review and experiences gained through sociopoetic research. The review revealed a convergence in the critique of coloniality and in the search for ethic-political and socially engaged epistemologies. This collaborative effort expresses, in practice, the possibilities of a plural and living epistemology that integrates multiple perspectives and contexts into a shared research endeavor, committed to good living (*buen vivir*) and the valorization of the diversity of knowledge.

Keywords: sociopoetics; epistemic plurality; knowledge production.

Resumen

Este ensayo se centra en las aportaciones de la sociopoética a la construcción del saber, con el objetivo de: a) explorar las posibilidades de una pluralidad epistémica en la producción del conocimiento; y b) reflexionar sobre el potencial de la sociopoética para crear contextos que favorezcan dicha pluralidad. A lo largo de su desarrollo, se llevó a cabo una revisión bibliográfica orientada a constituir una base teórica que permitiera comprender las relaciones entre la pluralidad epistémica y la producción de conocimiento, así como los métodos y fundamentos de la investigación sociopoética. El corpus de la investigación estuvo compuesto por los documentos recopilados en la revisión bibliográfica y por las experiencias vividas en una investigación sociopoética. El estudio puso de manifiesto una convergencia en la crítica a la colonialidad y en la búsqueda de epistemologías ético-políticas y socialmente comprometidas. Esta producción colaborativa expresa, en la práctica, las posibilidades de una epistemología plural y viva que integra múltiples perspectivas y contextos en una investigación compartida, comprometida con el buen vivir y con la valorización de la diversidad de saberes.

Palabras clave: sociopoética; pluralidad epistémica; producción de conocimiento.